

# JOSÉ CARDOSO PIRES:

## «Que milagre de compreensão aconteceu?»

**O** que me ocorre agora sobre Irene Lisboa? Dezenas de coisas: morte, literatura, incomodidade... Dezenas, dezenas de coisas. Claro, no meio de tudo

isso surge a consagração post mortem, o reconhecimento de uma voz que venceu, que tinha de vencer, o tempo. Uma voz que foi solitária, um traço desgarrado no paisagem. E então uma pessoa interroga-se, quer queira, quer não, sobre o preço da glória e sobre os acasos, oportunidades e o tempo útil da glória — e pergunta-se: que milagre de compreensão aconteceu para que uma voz solitária se veja subitamente reconhecida pela assembleia dos letrados? Como é que escrevendo toda a vida a palavra «solidão» uma escritora se vê tão rodeada de compreensão e afecto geral?

Bem sabemos que, em toda a parte, a recuperação dos desprezados é um hábito generoso e que, apesar

de tudo, mais vale isso do que o olvido a longo prazo. Mas até por essa circunstância o sincero admirador sente a urgência de meditações de amargura no

meio dos aplausos unânimes.

Por mim, a par e passo peço nos Contarelos, no Pouco e o Muito e etc., etc., e, não há dúvida, raros prosadores dispuseram de um ouvido tão feliz na captação da voz da realidade. Por isso, por essa memória de verter a palavra comum com a música e a gama de intenções que lhes são próprias, o estilo de Irene Lisboa revela uma oralidade inconfundível (embora trabalhada) que serve maravilhosamente à sua temática, que é da reabilitação do lugar-comum das apagadas criaturas anónimas.

Mas a lição de Irene Lisboa não fica por aqui. Em relação aos escritores mais novos ela deixou uma exemplaridade de ofício



José Cardoso Pires

(Continua na 19.ª pág.)

# JOSÉ CARDOSO PIRES

(Continuação das pag. centrais)

que talvez se possa resumir nestas poucas linhas:

«Transmitir, como ela genialmente soube, a verdade dramática em planos simultâneos; dar o jogo movimentado do narrador na convivência da acção romanesca das personagens; recusar o impulso fácil e ser profunda e linear, e descontraída e sábia — tudo isso é raro e

corajoso no atormentado officio de escrever. Daí que a obra de Irene Lisboa e a geografia tão portuguesa em que assenta, sem folcrismos nem demagogias, sejam sempre objecto de meditação para qualquer escritor da nossa terra. E a verdade é que só uma posição artística tão elaborada pode organizar em crónica ou em testemunho literário a magnífica singularidade da vida e a complexa força da palavra ingénua».

Copiei este último parágrafo de uma resposta que dei há anos a um inquirido. Sei porque o fiz. Porque, passado tanto tempo, ao senti-lo com a mesma convicção com que na altura o redigi, descubro na permanência dessa opinião a mais indiscutível e sincera prova de homenagem.